

EDITORIAL

É com imenso prazer que lançamos o quarto volume da *Pitágoras 500*, periódico que tem se dedicado a publicar artigos sobre a arte teatral. Neste número, contamos com a colaboração de autores que discutem a condição do trágico e da(s) tragédia(s), especialmente em seu diálogo com o mundo e o teatro contemporâneos.

Inicialmente, um texto do crítico e professor francês Jean-Pierre Sarrazac sobre o trágico contemporâneo defende a ideia da existência do trágico ainda hoje e sua representação possível através das artes e do teatro. Embora permanente, o sentido é dissociado do gênero dramático da tragédia; prevalece na contemporaneidade um trágico que é chamado de “drama-da-vida” pelo crítico, que o expõe a partir de sete abordagens críticas.

Orquídea Borges, no artigo *O fim da tragédia*, analisa duas versões da tragédia *Azémire*, de Marie-Joseph Chénier, no contexto teatral do Século das Luzes, com suas teorias bastante específicas sobre o trágico e levando em consideração como o público recebeu a tragédia em questão.

Trazendo o debate para as perspectivas contemporâneas, Carmem Gadelha discute aspectos concernentes ao trágico em seu artigo *A respeito de trágicos e ébrios*, impulsionando suas argumentações com exemplos da dramaturgia moderna e do teatro contemporâneo, e aponta para a trajetória do corpo, do espaço e do tempo como potencializadores da tragicidade. No mundo da pós-modernidade, destacam-se os conflitos da subjetividade, em universo público ou privado. É nesse território que se vê ressurgir o trágico.

Seguindo o pensamento acerca do trágico contemporâneo, o artigo *Ifigênia e o Campo de Visão: poesia visionária*, de Michele Gonçalves e Marcelo Lazzaratto, analisa o modo de construção do espetáculo *Ifigênia*, da Cia. Elevador de Teatro Panorâmico, explorando como o trabalho com o sistema improvisacional Campo de Visão possibilitou uma leitura atual da tragédia de Eurípedes. Além deles, Carlos Gontijo Rosa, no artigo *Orestes entre o ontem e o hoje: propostas para a leitura do mito*, também investiga as possibilidades de leitura interessantes das tragédias gregas nos dias de hoje, analisando a peça *Orestes*, de Eurípedes, tendo em vista como se desenvolvem os dilemas vividos pelo protagonista.

Na Seção Aberta, o artigo de Viviana Narvaes faz uma reflexão importante sobre o trabalho realizado com pesquisadores e alunos da UniRio, que ministram aulas de teatro para detentos/as de presídios do Rio de Janeiro. O projeto *Teatro na prisão: uma experiência*

pedagógica em busca do sujeito cidadão é um exemplo de como a pesquisa acadêmica de qualidade pode interferir diretamente no andamento de nossa sociedade.

Daves Otani, ator da Boa Companhia, grupo teatral sediado em Campinas, discute os procedimentos criativos que geraram a peça *Primus*, dirigida por Verônica Fabrini, cuja matriz essencial é o conto *Comunicado a uma academia*, de Franz Kafka. Dentre esses procedimentos, o autor destaca a capoeira como um dos elementos utilizados pelo grupo para compor o espetáculo, que faz parte do repertório da Boa Companhia desde 1999.

Por fim, como importante contribuição aos estudos teatrais, Lara Moler traduziu *Um teatro de andróides*, texto polêmico do dramaturgo simbolista Maurice Maeterlinck escrito no final do século XIX, em que ele propõe um teatro ausente de atores, embora reconheça que “é difícil prever por meio de quais seres ausentes de vida o homem deveria ser substituído na cena”; e identifica “nas galerias de figuras de cera”, por exemplo, a possibilidade de “uma arte morta ou nova”.

Enfim, com este número, a *Pitágoras 500* se estabelece como uma revista que propõe um diálogo entre a teoria e a prática teatrais, oferecendo ao público acadêmico artigos que reflitam a arte do teatro em perspectiva histórica ou em conjuntura com as diretrizes do mundo contemporâneo.

Desejamos a todos boa leitura!

Elen de Medeiros e Larissa Neves,
Coordenação Editorial da *Pitágoras 500*.